



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1996-2024

10.18764/2525-3441V9N26.2024.14

O texto diferido em análise: uma tradução interlingual, intermodal e multissemiótica de *Chapeuzinho Vermelho* para libras

The deferred text under analysis: an intralingual, intermodal and multisemiotic translation of Little Red Riding Hood into libras

VICTOR HUGO LIMA NAZÁRIO

<https://orcid.org/0000-0003-0359-1056>

NEIVA DE AQUINO ALBRES

<https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>

Resumo: O campo disciplinar dos Estudos da Tradução vem se expandindo a cada ano por meio de novas pesquisas e mais detalhamentos sobre o processo tradutório. As políticas de tradução ganham novas perspectivas e dentre elas destacamos o texto diferido como ruptura da cultura "escritocêntrica" e possibilidade de registro de textos vídeo-gravados em línguas de sinais bem como seu uso como recurso para a materialização de traduções de textos escritos para textos em línguas de sinais. Nesse contexto, propomos aqui realizar uma análise da tradução interlingual, intermodal e multissemiótica do conto de Chapeuzinho Vermelho para Libras, realizada pela tradutora Heloise Gripp Diniz, como material didático para o ensino de literatura para surdos, disponível na Coleção: Educação de Surdos, no acervo de publicações realizadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Para análise, optamos por uma revisão de literatura baseada principalmente em Peluso (2015; 2018), Santos e Francisco (2018), Diniz (2003), Campos (1986), Rodrigues (2013), Barbosa (2020) entre outros. Por fim, apresentamos nossas considerações finais com algumas contribuições para análises de textos diferidos ao campo dos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: Políticas de tradução; Texto diferido; Tradução interlingual, intermodal e multissemiótica.

Abstract: The disciplinary field of Translation Studies has been expanding each year through new research and increasingly detailed examinations of the translation process. Translation policies are gaining new perspectives, among which we highlight the deferred text as a break from the "scriptocentric" culture, and as an opportunity to document video-recorded texts in sign languages, as well as its use as a resource for translating written texts into sign languages. In this context, we propose an analysis of the interlingual, intermodal, and multisemiotic translation of the story "Little Red Riding Hood" into Brazilian Sign Language (Libras), carried out by the translator Heloise Gripp Diniz, as educational material for teaching literature to the deaf. This translation is available in the collection Education of the Deaf, held by the National Institute of Deaf Education (INES). For the analysis, we rely on a literature review primarily based on Peluso (2015; 2018), Santos and Francisco (2018), Diniz (2003), Campos (1986), Rodrigues (2013), and Barbosa (2020), among others. Finally, we present our concluding remarks with some contributions to the analysis of deferred texts within the field of Translation Studies.

Keywords: Translation policies; Deferred text; Interlingual, intermodal, and multisemiotic translation.



A TRADUÇÃO EM TEXTO DIFERIDO

A palavra traduzir tem sua origem no Latim (*traducere*) e significa "conduzir além/ transpor/ transferir/ trasladar de uma língua para outra". Traduzir não é apenas dominar códigos linguísticos diferentes, mas também a cultura que envolve esses códigos, de forma a preservar os sentidos das mensagens que perpassam entre línguas distintas. (Guerini; Pereira, 2008). A realização da tradução se materializa basicamente a partir de textos escritos, o que permite ao tradutor ter tempo hábil para selecionar exatamente quais estratégias serão mais adequadas para a execução de sua tarefa. Campos (1986) ressalta que nenhuma tradução é perfeita ou possível de substituir o texto de partida, pois "[...] cada texto é um complexo de obstáculos e dificuldades aparentemente intransponíveis, lingüísticas e não-lingüísticas; entender o que o autor disse e o que ele quis dizer, na língua dele, é difícil; dizer na língua da gente o que se entendeu na língua do original, não é fácil... mas o tradutor traduz e muito" (Campos, 1986, p. 13). Observa-se aqui que a compreensão de Campos (1986) estava ligada a ideia de que um texto deveria ser uma produção escrita. Peluso (2018) nos esclarece o entendimento que se tinha em relação às línguas vocais-auditivas e as línguas de sinais afirmando que

[...] as línguas orais são aquelas que tem prestígio mais amplo e estão vinculadas as funções mais formais (escrita, ciência, literatura, governo, etc.) e as línguas de sinais apresentam prestígio mais velado e se mantém reduzidas as funções menos formais e mais contextualizadas nas práticas interacionais face a face (Peluso, 2018, p. 43).¹

Logo, a visão que se tinha era centrada em uma posição voltada ao "escritocentrismo", que considerava como texto apenas produções linguísticas escritas, sem levar em consideração as produções orais (Peluso, 2018). Essa crença estava fortemente vinculada ao entendimento que para uma produção ser considerada texto, ela deveria ser manipulável e permanente, sem se perder ao longo do tempo. Peluso (2018) rompe esse paradigma ao nos dizer que

Na atualidade foram desenvolvidas outras tecnologias, para além da escrita, que tem a propriedade de produzir textos permanentes e

¹ [...] las lenguas orales son las que tienen prestigio abierto y están vinculadas a las funciones más formales (escritura, ciencia, literatura, gobierno, etc.) y las lenguas de señas presentan prestigio encubierto y se mantienen reducidas a las funciones menos formales y más contextualizadas en las prácticas interactivas cara a cara (Peluso, 2018, p. 43).

objetivados que, para tanto, permitem ser diferidos e arquivados: os áudios e as vídeo-gravações. O desenvolvimento dessas tecnologias atuais coloca em xeque a ideia histórica de que a única forma de se ter um texto permanente, assim como diziam os latinos (*verba volant, scripta manent* – as palavras voam, os escritos permanecem), é exclusivamente diante da escrita (Peluso, 2018, p. 48).²

Dessa forma, o autor nos apresenta um novo conceito no que diz respeito a traduções realizadas em línguas de sinais por meio de outros recursos tecnológicos mais atuais, tratando-se assim, do texto diferido, o qual se materializa tanto em formato de textos escritos quanto em textos em áudio ou vídeo-gravados, tornando-se assim, permanentes e objetivados.

As produções literárias em línguas de sinais utilizam-se sobretudo de outras mídias contemporâneas, priorizando, sobretudo, a produção audiovisual e os recursos que ela proporciona, envolvendo outros sistemas semióticos como imagem, som, movimento, zoom, legendagem, entre outros. A lacuna de pesquisa está em estudar uma tradução para a Libras envolvendo a análise das múltiplas semioses do produto associada às escolhas linguísticas e performáticas da tradutora.

Nesse sentido, levantamos o seguinte questionamento: “Quais procedimentos técnicos de tradução foram utilizados como escolhas tradutórias para a garantia do efeito de sentido na tradução do texto escrito para o texto videogravado?”. Logo, o propósito deste estudo é realizar uma crítica da tradução do projeto editorial, descrevendo os procedimentos tradutórios adotados por Heloise Gripp Diniz na tradução de “Chapeuzinho Vermelho” para Libras, além de relacionar o estudo ao conceito de texto diferido discutido por Leonardo Peluso (2015; 2018). Pretende-se contribuir com uma compreensão mais aprofundada sobre a complexa tarefa de tradução interlingual, intermodal para texto diferido.

3

REFERENCIAL TEÓRICO COLOCANDO EM INTERSECÇÃO A LITERATURA E A TRADUÇÃO

Os pressupostos teóricos deste trabalho fundamentam-se em dois grandes campos disciplinares: os estudos sobre a língua(gem) e dos estudos da

² En la actualidad se han desarrollado otras tecnologías, además de la escritura, que tienen la propiedad de producir textos permanentes y objetivados y que, por lo tanto, permiten diferirlos y archivarlos: las audio y video-grabaciones. El desarrollo de estas tecnologías actuales pone en jaque la histórica idea de que la única forma de tener un texto permanente, tal como decían los latinos (*verba volant, scripta manent*), es exclusivamente mediante la escritura (Peluso, 2018, p. 48).

tradução, em especial das línguas de sinais (ETILS), focados na tradução intersemiótica, intermedialidade. As línguas humanas podem ser divididas basicamente em duas modalidades linguísticas: 1) línguas vocais auditivas, cujas informações são recebidas pelo aparelho auditivo e produzidas pelo aparelho fonador, como o Português, o Inglês e o Espanhol, por exemplo, e; 2) as línguas viso espaciais, nas quais as informações chegam através dos olhos e são produzidas pelo corpo, como mãos, expressão facial, tronco por exemplo, caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Americana de Sinais (ASL) ou a Língua Britânica de Sinais (BSL), entre tantas outras. Definidas as modalidades das línguas, podemos então afirmar, em concordância com (Rodrigues, 2013), que o processo tradutório pode ocorrer tanto entre línguas vocais-auditivas como entre línguas de sinais. O autor salienta que quando este processo é realizado dentro de línguas de mesma modalidade, temos uma tradução intramodal, e quando acontece o inverso, entre línguas de modalidades diferentes, chamamos então de tradução intermodal.

Para nosso objeto de análise neste texto e compreendendo o item 2 citado acima, inferimos então que a tradução multissemiótica se dá por meio de por meio da utilização de vários elementos linguísticos e extralinguísticos presentes no todo tradutório, tais como as imagens usadas como plano de fundo para ambientação e contextualização do que se está traduzindo, a legendagem em língua vocal-auditiva escrita e a utilização de elementos extralinguísticos (objetos e itens de figurino, por exemplo).

No âmbito dos Estudos da Tradução, Snell-Hornby (2006) indica que a partir dos anos 1990 existia uma grande confusão sobre os diferentes gêneros textuais/discursivos a se traduzir a necessidade de maior ou menor adaptação, ou seja, interferência do tradutor. A tradução de um livro impresso (em papel) que por si é multimodal, pois é composto por palavras, ilustrações, designs, texturas para o vídeo em língua de sinais que envolve também diversos elementos para além da língua envolve um complexo processo de tradução multimodal, entre línguas de modalidades diferentes e entre múltiplas semioses.

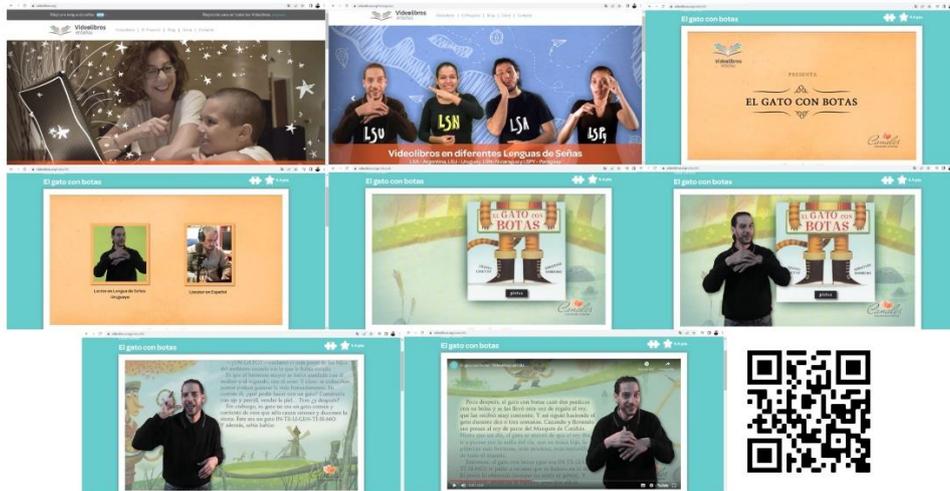
Concordando com Peluso (2015; 2018), observemos então como o texto diferido pode apresentar uma arquitetônica diferenciada a depender do foco de seu autor. Trazemos para ilustrar o trabalho realizado por uma associação argentina chamada *Canales*. A associação desenvolve um projeto chamado

*Videolibros enSeñas*³, o qual consiste em uma biblioteca virtual gratuita composta por vídeos nos quais pessoas surdas leem textos de livros e contos escritos em espanhol nas línguas de sinais de países como a própria Argentina, Nicarágua, Paraguai e Uruguai. Os vídeos incluem narração em voz para que não só os surdos possam ter acesso aos materiais audiovisuais, mas também ouvintes.

Na página do projeto, na aba de apresentação (*proyecto*), os idealizadores fazem uma afirmação que vai de encontro ao conceito de “escritocentrismo”, dizendo que “as línguas de sinais são ágrafas (ou seja, não possuem escrita) e é por isso que para que as pessoas surdas leiam implica que elas aprendam também outro idioma, na Argentina, por exemplo, o espanhol escrito”⁴. Nesse sentido, percebemos que apesar da intenção positiva de proporcionar às crianças e adolescentes surdos acesso a literatura, esse não se dá prioritariamente em língua de sinais, uma vez que o foco se mantém no texto escrito, sem considerar que a narração vídeo-gravada na língua de sinais daquele país se constitui com texto, o texto diferido, com vimos anteriormente em concordância com Peluso (2015; 2018).

5

Figura 1 – Apresentação do videolibro “El gato con botas”, disponível no site Canales.



Fonte: Elaborado pelos autores⁵.

³ Nesse ponto gostaríamos de chamar a atenção para a grafia do projeto *Videolibros enSeñas*. Ao optar por grafar *enSeñas* desta forma, os idealizadores desse projeto possivelmente se utilizam de um jogo de palavras em espanhol que nos remete a palavra *enseñar*, que em português pode ser traduzida como “ensinar”. Por esse motivo, inferimos que seus organizadores estão dizendo ao público subliminarmente que “os livros em vídeo ensinam por meio de línguas de sinais”. Consideração essa que vai de encontro ao objetivo principal do projeto, que é proporcionar que crianças e adolescentes surdos conheçam a literatura através das línguas de sinais dos países participantes do projeto e ao mesmo tempo, possibilitar ao público-alvo acesso a língua espanhola escrita.

⁴ *Las lenguas de señas son ágrafas (es decir que no poseen escritura) y es por ello que para las personas sordas leer implica aprender también otro idioma, en Argentina, por ejemplo, el español escrito.* Disponível em: <https://www.videolibros.org/elproyecto>. Acesso em: 23 abr. 2022.

⁵ O videolibro está disponível para consulta no site da associação *Canales*, podendo ser acessado com o leitor de QR Code, pelo celular, ou pelo link em: <https://www.videolibros.org/video/64>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Fazendo uma breve analogia com o texto diferido foco de nossa análise e como veremos mais adiante, podemos observar na figura 1 que a construção do texto diferido por *Canales* se dá com a apresentação na íntegra do texto de partida que ocupa a maior parte da tela do vídeo e, cujos trechos narrados recebem destaque chamando a atenção do leitor para o parágrafo lido. O texto é lido por pessoas surdas que recebem o nome de "leitor", não constituindo assim o papel de tradutor. Essa pessoa não se insere no texto como uma personagem e sim como o narrador da história, tanto que sua sinalização acompanha o mesmo ritmo da narração oral feita em língua espanhola e sua vestimenta não apresenta nenhuma característica de qualquer personagem narrada.

As cores das ilustrações são suaves para que o foco se mantenha no texto escrito. Ao passar as páginas do livro, elas apresentam movimentos e logo voltam a ser estáticas no momento em que o "leitor" reaparece. Também há a presença de trilha sonora e efeitos que imitam os sons produzidos pelas personagens, o que para o público surdo não faz sentido justamente pela sua surdez. Por mais que no projeto seja mencionado que os *videolibros* são destinados tanto a surdos quanto ouvintes, sendo possivelmente esse o motivo da presença de sonoridade, não podemos deixar de frisar que o público-alvo principal são crianças e adolescentes surdos.

Para Peluso (2018), as vídeo-gravações permitem aos surdos realizarem em sua "língua de sinais as mesmas atividades que historicamente os ouvintes realizaram por meio da escrita das línguas orais", produzindo textos em formato de vídeos ou traduções de textos em língua oral escrita para língua de sinais vídeo-gravada e vice-versa (Peluso, 2018, p. 55, tradução nossa). Ainda sobre textos diferidos vídeo-gravados, Peluso (2015) nos aponta algumas semelhanças e diferenças ao relacionar que

Embora existam semelhanças enormes entre a escrita e os textos vídeo-gravados, o que faz com que a vídeo-gravação seja uma tecnologia que permita o desenvolvimento de um texto diferido, também existem importantes diferenças entre os textos diferidos escritos e os textos diferidos registrados e gravados. Estas diferenças são produto, basicamente, do fato da escrita ser uma tecnologia que permite representar, graficamente, as unidades da língua, enquanto que

os áudios e vídeo-gravações permitem registrar a língua (Peluso, 2015, p. 484).⁶

O autor salienta ainda que o ato tradutório faz parte de uma política linguística que apresenta consequências para as comunidades envolvidas. Compreendendo, então, que a tradução é uma política linguística, também concordamos com Santos e Francisco (2018) de que “o ato de traduzir [...] está diretamente articulado com questões sociais, econômicas, culturais, entre outras”. As autoras nos afirmam que o tradutor deve situar-se no entre-lugar das fronteiras culturais das línguas envolvidas na tradução e ter consciência de que “suas escolhas lexicais, terminológicas e culturais podem afetar os processos de visibilização ou de apagamento de certos povos” (Santos; Francisco, 2018, p. 2940). Em concordância com Meylaerts (2010), as autoras afirmam que

[...] o termo “política de tradução” é um guarda-chuva que abriga uma série de assuntos a serem dialogados e pesquisados, tais como: a formação de tradutores, as condições de produção e de recepção dos textos, a circulação das traduções por meio das editoras, o mercado de trabalho, as ideologias e estratégias adotadas no processo tradutório (que podem dar visibilidade ou não a determinada cultura), assim como os textos escolhidos para serem traduzidos e aqueles que ficam marginalizados perante os sistemas culturais (Santos; Francisco, 2018, p. 2943).

Dessa forma, compreendemos então que a opção em se traduzir textos canônicos não acontece por acaso. Essas escolhas põem “em evidência as relações de poder existentes entre as culturas e comunidades étnicas que definem o que deve estar no centro e o que deve ficar na periferia do polissistema literário”, uma vez que o textos que ocupam esse lugar de centro “detém maior poder dentro de um sistema” dominante ou hegemônico (Santos; Francisco, 2018, p. 2945).

PERCURSO DA PESQUISA

Trabalhamos com uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e descritiva. Assumindo o estudo de caso como um tipo pesquisa, considerando

⁶ Si bien existen enormes similitudes entre la escritura y los textos videograbados, lo que hace posible que la videograbación sea una tecnología que permita el desarrollo de una textualidad diferida; también existen importantes diferencias entre los textos diferidos escritos y los textos diferidos registrados y grabados. Estas diferencias son producto, básicamente, del hecho de que la escritura es una tecnología que apunta a representar, gráficamente, las unidades de la lengua, mientras que las audio y videograbaciones apuntan a registrar la lengua (Peluso, 2015, p. 484).

que responde às perguntas "como" e "por que" e que foca em uso da linguagem em contextos concretos, pois "surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos" e "retém as características significativas e holísticas de eventos da vida real" (Yin, 1984, p.14).

No campo dos Estudos da Tradução, nos inspiramos na crítica da tradução (*criticism*), como apresentado pela *Routledge encyclopedia of Translation Studies* (Enciclopédia Routledge de Estudos da Tradução), sendo uma "prática avaliativa que oferece reações distintas de traduções literárias publicadas", o crítico tem o papel de "analisar em detalhes e normalmente pressupondo que o leitor já conheça as referidas obras" (Mayer, 2000, p. 2005). Cardozo (2007, p. 209) complementa "num esforço de compreensão da crítica como uma prática de relação com o Outro" define a crítica da tradução a partir de um princípio ético-dialógico como uma prática que:

- por um lado, aponta relações – entre línguas e culturas diferentes, entre tradutores e autores, traduções e textos de partida, projetos de tradução e traduções, tradução e recepção da obra, etc.;
- e que, por outro lado, constitui-se como relação, no sentido de uma prática que se manifesta enquanto diálogo – com o tradutor, com o leitor, com a crítica, com o autor, com o editor, e assim por diante (Cardozo, 2007, p. 213).

Críticas de tradução são formas específicas de produções científicas e que se caracterizam como um tipo de "Estudo de caso". O caso estudado é observado a partir de um documento produzido, mesclando-se com os procedimentos de estudo documental, conforme conceituada por May (2004). Os documentos podem ser de diferentes materialidades, escritos, fotos, materiais, assim como os vídeo-gravados. "Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente" (Cellard, 2008, p. 295).

Dentre as diversas possibilidades de documentos, definimos as obras pioneiras de literatura surda vídeo-gravada para o estudo. Dessa forma, a pesquisa documental consistiu das etapas: 1) planejamento da pesquisa, 2) execução – identificação de obras de literatura surda, e 3) seleção das obras para análise. Para selecionar as obras que comporiam o *corpus* deste trabalho, foram elencados critérios de inclusão e de exclusão, dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão no *corpus* da análise.

Critérios de Elegibilidade	
Inclusão (I)	Exclusão (E)
Conteúdo principal: análise documentária de literatura surda.	A pesquisa não tem relação com análise documental de literatura surda.
Tipo de documento: obras literárias vídeo-gravadas dos anos 2000 e publicadas por instituições de surdos	Tipo de documento: obras literárias impressas e publicadas de forma autônoma, por exemplo em sites, blogs ou redes sociais.
Acesso ao material completo dos documentos (obra literária)	Falta de acesso aos textos completos (obra literária).
Língua: Libras	Produções de idiomas diferentes dos indicados
Tradutora surda e com experiência na produção literária em Libras	Estudos duplicados.

Fonte: elaborado pelos autores.

As obras selecionadas na etapa 2 estão situadas no site do projeto de extensão Librando: Compartilhando Literatura Surda⁷. As obras foram agrupadas a partir de pesquisa em diferentes fontes desenvolvidas por Schlemper (2016) e Schlemper, Costa e Albres (2022), Schlemper, Albres (2023), como uma pesquisa longitudinal compondo o Observatório da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (OTRADILIS - <https://intertrads.paginas.ufsc.br/extensao/otradilis/>).

"A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse" (Lüdke; Andre, 1986, p.38). Com o *corpus* de literatura surda construído, empreendemos uma análise da tradução em mídia. Adotamos um processo de leitura integral das obras, seguido pela seleção de características particulares das comunidades surdas. Com meticulosidade, procedemos à decomposição do conteúdo dos vídeos em Libras em fragmentos mais elementares, revelando assim as nuances intrínsecas contidas no material, conforme discutido por Chizzotti (2006). Assim, trabalhamos com a publicada no projeto "Coleção: Educação de Surdos" (2000-2005) Chapeuzinho Vermelho em Libras. Os aspectos éticos são respeitados adotando a identificação das obras e referenciando os autores.

9

⁷ Site do projeto de extensão Librando: Compartilhando Literatura Surda. Disponível em: <https://librando.paginas.ufsc.br/>

ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Um pouco sobre a tradutora

Nos Estudos da Tradução discute-se a respeito da visibilidade e/ou invisibilidade do tradutor (Nascimento, 2016; Santos; Francisco, 2018). Por esse motivo, optamos por trazer aos nossos leitores breves informações sobre a tradutora cuja tradução é objeto de nossa análise.

Heloise Gripp Diniz⁸ é doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-2023) e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2010). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2004) e em Letras Libras pela UFSC (2010). É Professora Assistente do curso de Letras Libras da UFRJ, onde ministra as disciplinas de Sociolinguística, Fonologia, Morfologia, Semântica e Pragmática da Libras e Laboratório de Tradução. Possui experiência na Educação Básica e no Magistério Superior, bem como em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Também atua com os temas: Língua Brasileira de Sinais – Libras, Cultura e Identidade Surda, Processo de Tradução Libras/Português, Tradução Cultural, Variação e Mudança Linguística e Língua de Sinais Americana. Também é autora do livro “A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros”, publicado em 2011.

A tradutora é autora de diversos artigos e capítulos de livros já publicados, Heloise também possui vasta experiência profissional tanto na docência quanto na área da tradução e interpretação do par linguístico Libras/Português. Sua vida profissional tem início no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES⁹, onde teve relevante produção técnica contribuindo significativamente para a educação de surdos de várias localidades do país. Dentre os projetos que participou no Instituto, destacamos a “Coleção: Educação de Surdos”, uma coletânea em Língua Brasileira de Sinais composta por pequenos documentários e contação de histórias infantis realizadas por pessoas surdas (funcionários, instrutores e ex-

⁸ Informações coletadas do Lattes da autora. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0922315610117042>. Acesso em: 23 abr. 2022.

⁹ Mais informações sobre o Instituto disponíveis em: <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em: 23 abr. 2022.

alunos do Instituto), da qual selecionamos para nossa análise, a tradução de "Chapeuzinho Vermelho" para Libras.

A tradução do conto

A escolha de um texto a ser traduzido está profundamente atrelada a uma política de tradução e uma política linguística (Santos; Francisco, 2018). Isto implica dizer que ao selecionar um clássico da literatura infantil mundial para traduzir, o(a) tradutor(a) implicitamente tem o objetivo de proporcionar aos falantes de sua língua acesso a esse gênero discursivo e ao mesmo tempo dar visibilidade linguística além de difundir sua língua ao maior número possível de pessoas.

Uma vez selecionado um texto clássico, o tradutor leva sua língua para o centro, pois "na maioria das vezes, os textos escolhidos para tradução são aqueles considerados canônicos pela sociedade, tais como obras-primas, textos de maior prestígio e status social" (Santos; Francisco, 2018, p. 2945). As autoras mencionam ainda que os movimentos políticos em prol do reconhecimento linguístico e cultural da Língua Brasileira de Sinais resultou em:

- i. leis e resoluções que normatizam princípios linguístico-educacionais (como a língua deve ser nomeada, como deve ser ensinada, para quem e por quem deve ser ensinada, quais os lugares que deve ser ensinada);
- ii. normativa e perfis de tradução e interpretação (a definição do profissional da tradução e da interpretação, a formação de tradutores e intérpretes, a definição de lugares de atuação para esses profissionais, normas e códigos de conduta);
- iii. em recomendações ao poder público em relação ao uso e à difusão da Libras (Santos; Francisco, 2018, p. 2946).

À época em que Heloise Gripp Diniz participou do projeto "Coleção: Educação de Surdos" (2000-2005), ela estava envolvida em processos tanto de políticas de tradução quanto políticas linguísticas, pois a seleção dos textos a serem traduzidos foi exatamente voltada para os clássicos literários (o que leva a Libras para o centro) além de ser esse mesmo projeto um recurso de uso e difusão linguística, uma vez que, de acordo com a Lei de Libras Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, traz em seu Art. 2º que

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas

institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (Brasil, 2002).

A partir desse momento, tem-se início um forte movimento social, político, cultural e linguístico em prol da Libras para que cada vez mais surdos tenham acesso a serviços públicos como saúde, educação, cultura, entre outros, além de expandir exponencialmente o quantitativo de usuários dessa língua. O avanço tecnológico também se torna aliado no uso e difusão das línguas de sinais, em especial a Libras, foco dessa análise, e influencia positivamente o campo dos Estudos da Tradução, uma vez que possibilita aos tradutores de línguas de sinais registrarem suas traduções por meio de vídeo-gravações ao invés de seguirem dentro de uma "supremacia" de textos escritos (Peluso, 2015; 2018).

Compreendendo então que as vídeo-gravações em Libras trata-se de textos diferidos e que elas correspondem às políticas de tradução e políticas linguísticas relacionadas a essa língua, passamos a analisar a tradução do conto da literatura infantil mundial "Chapeuzinho Vermelho¹⁰", traduzido para Libras por Heloise Gripp Diniz.

Partindo de uma concepção teórica, podemos então categorizar esse texto diferido como sendo uma tradução: 1) interlingual, pois seu texto de partida está escrito em Português e o texto de chegada em Libras vídeo-gravada; 2) intermodal, uma vez que a língua portuguesa é de modalidade vocal-auditiva e a língua brasileira de sinais é viso espacial e; 3) multissemiótica, visto que a composição do todo tradutório se dá por meio de elementos linguísticos e extralinguísticos, como a própria língua de sinais (que constitui o centro da tradução), a legendagem em língua portuguesa (para que ouvintes que desconhecem a Libras também possam compreender esse material), o plano de fundo que remete às gravuras do livro onde o conto está registrado, fazendo com que o leitor surdo ao acessar texto videogravado tenha a mesma sensação de um leitor ouvinte ao ler o conto no livro impresso, além dos acessórios de figurino e objetos utilizados ao longo da narrativa para caracterizar personagens e narrador.

¹⁰ Publicado pela primeira vez em francês *Le Petit Chaperon Rouge*, por Charles Perrault, em 1697, e posteriormente difundido pelos Irmãos Grimm e traduzido para vários idiomas ao redor do mundo. Na versão de Charles Perrault não há a presença do caçador (que foi introduzido pelos Irmãos Grimm) e o lobo sai impune no final do conto. Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capuchinho_Vermelho. Acesso em: 23 ab. 2022.

Inicialmente o vídeo apresenta imagens do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, referência nacional na educação e profissionalização de surdos, mostrando cenas de sua estrutura física e de seus alunos (crianças e adolescentes) envolvidos em atividades lúdicas, esportivas e em momentos de interações espontâneas entre si. Em seguida, a professora Emeli Marques, apresenta-se e faz uma fala introdutória sobre o Instituto Nacional de Educação de Surdos, enfatizando que lá são realizadas muitas pesquisas com uma equipe de profissionais, na elaboração de materiais didáticos. Ao longo de todo o vídeo há a presença de legendas em língua portuguesa, o que corresponde à expressão em Libras inicial da professora. Por outro lado, percebe-se claramente que se trata não só de uma política interna do Instituto, mas também de uma política linguística em consonância com o que estabelece a Lei Nº 10.436/2002 (Lei de Libras), que dispõe em seu Art. 4º, parágrafo único que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (Brasil, 2002). Neste sentido, como um dos objetivos do Instituto por meio do projeto “Coleção: Educação de Surdos” era difundir a Libras nas escolas por meio da literatura infantil, para acesso principalmente de alunos surdos, e conseqüentemente para membros da comunidade escolar que desconhecem a Língua Brasileira de Sinais, pudessem apreciar o material com o recurso da legendagem, cumprindo assim, para ambos os públicos, o disposto na lei.

13

Figura 2 – Presença da legendagem (escritocentrismo) dentro do texto diferido.



Fonte: Elaborado pelos autores¹¹.

Ressaltamos ainda que de acordo com Peluso (2015; 2018) tal abordagem de manter uma língua oral em sua modalidade escrita no recurso da legendagem demonstra intimamente conexão com o que o autor classifica como “escritocentrismo”, uma dependência da escrita, como se um texto diferido, a

¹¹ O texto diferido pode ser acessado na íntegra por meio da leitura de QR Code diretamente pelo celular, ou pelo link: <https://youtu.be/3aOakuXNDUw>.

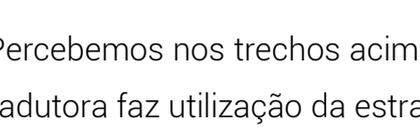
vídeo-gravação em Libras, não pudesse ter seu valor textual dissociado da língua portuguesa.

Outro aspecto importante ao longo da narrativa é a demarcação dos personagens por meio do posicionamento corporal, direcionamento do olhar (Quadros, 2021; Quadros; Karnopp, 2004; Pizzio et al, 2009) e antropomorfismo (Sutton-Spence, 2021), identificado em nossa análise quando a tradutora personifica a personagem Lobo Mau lhe atribuindo características, comportamentos e falas humana. Neste contexto, Sutton-Spence (2021) nos esclarece que o antropomorfismo acontece quando

[...] o corpo do artista se transforma pelo processo de incorporação e, portanto, passa a ser o animal ou o objeto. Esse recurso literário é conhecido como antropomorfismo ou personificação. É "um conceito filosófico que está associado às formas humanas, ou seja, ele atribui características físicas, sentimentos, emoções, pensamentos, ações ou comportamentos humanos aos objetos inanimados ou aos seres irracionais". A palavra antropomorfismo significa "dar uma forma humana a uma coisa não humana, dar características ou comportamento humano" (Bloomsbury) ou "atribuir forma humana ou personalidade às coisas" (Merriam-Webster) (Sutton-Spence, 2021, p. 175).

Os referentes espaciais são estabelecidos inicialmente pelo posicionamento do corpo e da direção do olhar da tradutora, variando entre direções para a direita, para a esquerda e para a frente. Além disso, acessórios como a capa vermelha, a touca de cetim e a arma também são utilizados para auxiliar no reconhecimento das personagens.

Quadro 2 – Estabelecimento de referentes espaciais.

	<p>Relacionando com o estabelecimento das personagens (referentes), observamos que a tradutora mantém, inicialmente, o corpo centralizado com o olhar direcionado ao leitor indicando, tanto a personagem Chapeuzinho Vermelho (02:23 – 02:29), quanto a própria narradora do conto (02:30 – 03:02).</p>
	<p>O olhar da tradutora é direcionado de baixo para cima e seu corpo se posiciona à esquerda da tela (03:02 – 03:03), incorporando a garotinha enquanto que ao assumir o papel da mãe, seu olhar toma a direção de cima para baixo e o corpo passa para o lado direito do vídeo (03:04 – 03:11).</p>
	<p>A mesma estratégia de localizar os referentes é seguida ao introduzir a personagem do “Lobo Mau” (04:09) que é mantido à direita enquanto que a menina continua à esquerda (04:12).</p>
	<p>Mais adiante, quando a narrativa passa a ser na casa da “Vovó”, esta é inserida ao lado esquerdo (05:08) e o lobo ao lado direito (05:15).</p>
	<p>Após engolir a Vovó, o lobo se disfarça com as roupas e os óculos dela e podemos perceber nesse momento (05:32) que a tradutora passa a posicionar o lobo do mesmo lado onde estava a vovó anteriormente, a esquerda.</p>
	<p>No momento em que Chapeuzinho Vermelho entra na casa da vovó (05:46), esta passa a ocupar a direita do vídeo.</p>
	<p>A última personagem introduzida na narração é o “Caçador” (07:00), que passa a ocupar a esquerda enquanto que o lobo passa a ser representado à direita do vídeo (07:18).</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebemos nos trechos acima mencionados e apresentados na figura 3 que a tradutora faz utilização da estratégia do *role shift* ou processo anafórico, o qual consiste exatamente em demarcar os referentes discursivos por meio da apontação (dêixis) ou direcionamento do tronco e do olhar (Quadros, 2020; Quadros; Karnopp, 2004; Pizzio *et al*, 2009). No quadro 3, a seguir, notamos as estratégias de caracterização das personagens bem como elementos visuais que corroboram para uma boa identificação dos ambientes em que cada personagem ocupa ao longo da narrativa.

Quadro 3 – Caracterização das personagens.

	<p>Nos segundo iniciais da vídeo-gravação (01:48-01:52) são apresentadas três imagens que nos remetem às páginas do livro impresso onde o conto possivelmente está registrado em língua portuguesa. As cores e os desenhos colaboram para trazer a criança surda para essa atmosfera de conto de fadas presente na narração, além de contribuir para a construção imagética em língua de sinais.</p>
	<p>Na sequência, vemos a própria tradutora assumindo o papel de narradora (01:53-02:18), sentada em uma cadeira de balanço, folheando o livro e incentivando a criança surda a conhecer o conto por meio do vídeo em Língua Brasileira de Sinais.</p>
	<p>Para diferir cada personagem, são utilizados acessórios como a capa vermelha (02:25) para Chapeuzinho Vermelho, a cabeça de lobo (possivelmente sintético, 03:54) para o Lobo Mau, a touca de cetim (05:08) para a Vovó e a espingarda (07:00) para o Caçador.</p>
	<p>Além do figurino, faz-se uso das ilustrações dos cenários apresentados no decorrer do vídeo tradução. A capa do livro com o desenho da personagem principal caminhando pela floresta (02:18-02:23), a casa de Chapeuzinho Vermelho (02:24-03:34), a floresta onde por onde ela passa e encontra o Lobo Mau (03:35-05:06), a casa da Vovó (05:07-05:33), novamente a floresta (05:34-05:44) e por fim, novamente a casa da Vovó (05:45-08:37).</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tem-se então no todo tradutório a construção de um texto diferido multissemiótico (planos de fundo, vestimenta, acessórios, objetos, legendagem e utilização de música), intencionalmente planejado para atingir um público-alvo, crianças surdas. Queremos explicar um pouco mais sobre a diferença de vestimenta da tradutora considerando que ela usa a roupa de Chapeuzinho Vermelho e assume o papel de narradora, assume o papel da Chapeuzinho e assume o papel de mãe. Quando ela está com a camiseta amarela ela assume o papel de Caçador, ela assume o papel de Vovó, ela assume o papel de outros personagens além de Narrador. Isso é possível pode ocasionar uma dificuldade de interpretação quando a criança muito pequena ainda não tem a língua de sinais bem consolidada, visto que se faz uma associação da vestimenta com quem enuncia. Falantes proficientes na língua conseguem fazer essa distinção, mas

esse é um problema do material. Então, na crítica da tradução nós podemos indicar que apesar da opção do projeto editorial é ser de vestimenta, de caracterização do tradutor, ele não o faz de forma completa.

O figurino também está presente na construção das personagens. Ao longo da narração, percebemos que a tradutora se transporta para o conto, ora sendo narradora, ora sendo personagens. Sua roupa é a mesma durante todo o vídeo, o que nos remete, fazendo uma analogia aos livros impressos, que o corpo da tradutora se torna as "páginas" onde o texto em língua de sinais passa a ser registrado.

Destacamos ainda outros dois recursos semióticos utilizados na tradução e que inicialmente nos levariam a pensar "Qual a necessidade de se ter legenda em Português e fundo musical em uma produção pensada para crianças surdas?". Concordando com Peluso (2015; 2018), cultural e historicamente vivemos em uma sociedade fortemente vinculada ao que o autor denomina de "escritocentrismo", o que compreendemos ser uma valorização de publicações em línguas orais escritas. Por outro lado, chamamos atenção para o contexto histórico em que o texto traduzido, objeto de nossa análise, foi publicado. O projeto "Coleção: Educação de Surdos" do INES, ocorreu entre os anos 2000 e 2005. Dentro desse período, tivemos o reconhecimento da Libras, por meio da Lei Nº 10.436/2002, como língua das "comunidades de pessoas surdas do Brasil" (Brasil, 2002) e do Decreto Nº 5.626/2005, que a regulamenta (Brasil, 2005).

Sabendo-se então que pelo estabelecido no dispositivo legal a "Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa" e que "deve ser garantido [...] formas institucionalizadas de apoiar ao uso e difusão da língua brasileira de sinais" (Brasil, 2002), podemos inferir que uma das estratégias de se fazer cumprir o disposto na Lei se deu através de políticas linguísticas e de políticas de tradução materializadas na seleção de textos clássicos da literatura infantil (considerados canônicos) para serem traduzidos para Libras e difundidos nas escolas em território nacional, proporcionando dessa forma, não só o acesso e conhecimento dos clássicos por crianças surdas, mas também como um mecanismo de tornar esses textos diferidos acessíveis a pessoas ouvintes que desconhecem a língua de sinais por meio da inserção de legendas em português.

Por fim, relacionado a escolha do fundo musical, foi selecionado uma música clássica, *Allegro Primavera*, de Vivaldi¹², possivelmente com o mesmo objetivo do uso da legendagem. Isso dá-se ao fato de que os ouvintes tendem a prender mais sua atenção quando o som está de alguma forma conectado à imagem, e nesse caso a música clássica pode proporcionar certo grau de sensação de relaxamento. O que nos leva a inferir nesse contexto que um texto diferido videogravado em língua de sinais que não possui legenda nem algum tipo de áudio se tornaria “desinteressante” para pessoas que não tem o hábito de realizar esse tipo de leitura e como acima mencionado no caso da legenda, era objetivo do projeto fazer com que tais textos chegassem até as escolas e fossem acessados tanto por alunos surdos quanto por ouvintes desconhecedores da Libras. Vale ressaltar, nesse caso, que a seleção de uma música clássica para compor o texto videogravado aqui analisado, não faz conexão com a história narrada, diferentemente da narração citada no início desse texto, no projeto da *Canales*, no qual o *videolibro* apresenta trilha sonora que corresponde às cenas apresentadas e aos sons das personagens, o que não foi o caso na tradução de *Chapeuzinho Vermelho* para Libras. Mas, lembramos ainda que, em ambos os exemplos, o áudio pode ser desativado a critério do leitor.

Procedimentos técnicos

Realizar uma tradução não é procedimento fácil e que se faz rapidamente. É exigido dos profissionais da área da tradução, e aqui nos referimos especificamente ao tradutor de língua de sinais, que tenha conhecimento técnico, habilidade e competências linguísticas e extralinguísticas (expertises) que lhe permitam a realização desta tarefa com alto nível de consciência. Nesta seção destacamos alguns procedimentos técnicos de tradução identificados ao longo do texto diferido videogravado em Libras que selecionamos para esta análise, nos embasando em autores como McCleary e Viotti (2007), Liddell (2003) e Barbosa (2020).

¹² Disponível em: <https://youtu.be/PgUIIN5qFW4>.

Quadro 4 – Exemplos de boia discursiva.

	<p>Ao observarmos o diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e sua mãe, percebemos que a mão que se configura representando a sesta (02:56-03:12) permanece por mais tempo posicionada no ar enquanto que outros sinais vão sendo produzidos simultaneamente, como os sinais para LEITE, BOLO, ENTREGAR, VOVO e DOENTE.</p>
	<p>Mais adiante, quando a menina encontra o Lobo Mau, mais uma vez percebemos a mesma estratégia (04:22-04:50).</p>
	<p>E por fim, novamente quando Chapeuzinho Vermelho sai da floresta e vai para a casa da Vovó (05:34-05:46).</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesses trechos, percebemos que a tradutora se utiliza da estratégia da boia discursiva, que consiste exatamente na manutenção de um item lexical feito por uma mão por mais tempo no ar durante um discurso enquanto outros itens são realizados ao mesmo tempo por outra mão (McCleary; Viotty, 2007; Liddell, 2003).

Outro procedimento utilizado pela tradutora é a estrangeirização (Barbosa, 2020; Snell-Hornby, 2012), na qual elementos da cultura-língua de partida são mantidos na tradução da língua de chegada permitindo ao leitor saber como determinada cultura se manifesta. Originalmente o conto de “Chapeuzinho Vermelho” foi criado para ouvintes pois à época (1697) não se pensava em contar histórias para crianças surdas. Neste sentido, notamos que a tradutora utiliza em sua tradução traços da cultura ouvinte.

Quadro 5 – Marcas de tradução estrangeirizadora.

	<p>Nos trechos apresentados no quadro 5 (07:05-07:30), a tradutora mantém os mesmos sinais OUVIR, BARULHO-DE-RONCO e FAZER-SILÊNCIO que possuem a mesma equivalência semântica em língua portuguesa. Dessa forma, ela demonstra certa “fidelidade” ao texto canônico sem fazer trazer adaptações para a cultura surda, indicando aos leitores (crianças surdas) que as personagens são ouvintes.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

Salientamos ainda outros procedimentos técnicos presentes na tradução. Quando a personagem é introduzida na narração, a legenda apresenta a seguinte transcrição: “Vocês sabem quem sou eu?” (02:26). Neste trecho a tradutora faz uma omissão (Barbosa, 2020) usando apenas o sinal QUEM-SOU-EU seguido de

expressão facial interrogativa. Isso ocorre pelo fato de não ser necessária a presença das palavras “Vocês sabem...” e por não causar nenhum prejuízo no entendimento da mensagem na língua de chegada. Na famosa expressão “Era uma vez...” (02:29) a tradutora utiliza uma estratégia de equivalência (Barbosa, 2020), ao substituir o seguimento da mensagem da língua de partida por outro seguimento da língua de chegada, a sequência de sinais indicando HÁ-MUITO-TEMPO que possui o mesmo efeito de construção de sentido. Mencionamos também o processo de compensação (Barbosa, 2020), utilizado pela tradutora como um recurso estilístico próprio da língua de sinais (classificadores) que não existe na língua portuguesa. Tal estratégia pode ser percebida nos trechos (03:34) em que Chapeuzinho Vermelho parte em direção à casa da Vovó, (03:40) quando ela segue pelo atalho na floresta, (04:07) quando o Lobo Mau caminha disfarçadamente se aproximando da menina e (07:55) quando o Caçador coloca pedras na barriga do Lobo.

Quadro 6 – Exemplos de procedimentos tradutórios: omissão, equivalência e compensação

		Omissão – QUEM-SOU-EU? (02:26) - “Vocês sabem quem sou eu?”
		Equivalência – HA-MUITO-TEMPO. (02:29) - “Era uma vez...”
		Compensação (uso de classificadores) (03:34) Chapeuzinho Vermelho parte em direção à casa da Vovó. (03:40) Chapeuzinho Vermelho segue pelo atalho na floresta. (04:07) O Lobo Mau caminha disfarçadamente se aproximando da menina. (07:55) O Caçador coloca pedras na barriga do Lobo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ressaltamos que Barbosa (2020) recategoriza e apresenta 14 procedimentos técnicos da tradução, porém, para esta análise, vamos nos ater somente aos que foram mencionados acima e exemplificados no quadro 6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e reflexões realizadas no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, nós, pesquisadores, tradutores e intérpretes do par linguístico Libras/Português podemos compreender a tradução de diferentes perspectivas. A partir dos estudos de Peluso (2015, 2018) chegamos ao entendimento que a tradução não se restringe somente a textos de línguas orais na modalidade escrita. Ela se materializa também através de textos diferidos vídeo-gravados, uma vez que dessa maneira produções em línguas de sinais também ganham seu *status* de registro manipulável e duradouro.

Percebemos que as políticas de tradução e políticas linguísticas estão entrelaçadas e por meio delas produções em Libras vídeo-gravada também passam a fazer parte da literatura e que devido a sua múltipla semiose podem ser acessadas por públicos tanto surdo quanto ouvintes.

Entendemos que o processo tradutório é um contínuo reflexivo de antes, durante e depois, e, que a tradução nunca está pronta e acabada. Analisar a tradução de um clássico da literatura infantil não é tarefa fácil, por isso, deixamos este trabalho em aberto para que outros pesquisadores interessados também possam trazer suas contribuições para um maior aprofundamento desta análise.

21

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. 3 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: https://ava.ufca.edu.br/pluginfile.php/35230/mod_resource/content/1/O%20que%20%C3%A9%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20-%20Geir%20Campos%20%28pdf%29%20%28rev%29.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Espaço versus prática da crítica de tradução literária no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 205-234, abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6999>. Acesso em: 23 aug. 2022.

CELLARD, André. "A análise documental". In: POUPART, Jean, et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Vozes, 2006.

DINIZ, Heloíse Gripp. **Chapeuzinho Vermelho em Libras**. Youtube, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/3aOakuXNDUw>. Acesso em: 1 abr. 2022.

GUERINI, Andréia; PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Introdução aos estudos da tradução**. Florianópolis: CCE/ UFSC, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/assets/298/Texto_Base_Intro.Trad_pdf_.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

MAYER, Carol. Reviewing and criticism. In: BAKER, Mona. **Routledge encyclopedia of Translation Studies**. Routledge: London and New York, 2000, p. 205-210.

MEYLAERTS, Reine. Translation policy. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van. **Handbook of translation studies online** (Ed.). Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2010. p.163-168, 2010. Disponível em: <http://www.benjamins.com/online/hts>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira. (Org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editoração, 2007, p. 73-96.

NASCIMENTO, Gabriela C. T. N. A (in)visibilidade do intérprete: a representação de Abed em Notas sobre Gaza. **Tradterm**, São Paulo. v. 27, p. 201-216, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/121381>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PELUSO, Leonardo. Traducción entre español escrito y la lengua de señas uruguayo videograbada: un nuevo desafío. **Cadernos de Tradução**: Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, jul-dez. 2015, p. 479-504. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p479/30722>. Acesso em: 6 abr. 2022.

PELUSO, Leonardo. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida. **Traslaciones: Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura**. V. 5, n. 9, jul. 2018, p. 40-61. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 29 mar. 2022.

PIZZIO, Aline Lemos. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/TEXT0_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. **Gramática da Libras: estudos introdutórios sobre seus componentes gramaticais** [livro eletrônico]: Signa: livro didático complementar ao curso. Florianópolis: Signa, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues__2013__tese_poslin.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

SANTOS, Silvana Aguiar dos; FRANCISCO, Camila. Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas? **Fórum linguístico**: Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2939-2949, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/2605>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; **Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. 2016. 157p. Dissertação (Mestrado) – PGET - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; COSTA, Mairla Pereira Pires; ALBRES, Neiva de Aquino. Paratextos editoriais em produções literárias bilíngues (português-libras): novas perspectivas de leitura de traduções. **Revista Graphos**, v. 24, p. 86-118, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/62539>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; ALBRES, Neiva de Aquino. Marcas culturais ideológicas-discursivas em obras da literatura surda escritas: experiências de vidas surdas. **Gláuks - Revista de Letras e Artes**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 23-46, 2023. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/390>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SNELL-HORNBY, Mary. A "estrangeirização" de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? **Pandemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 185-210, jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pg/a/S7wgt6Sx8PsGc9fRL7JWmss/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?** Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company. 2006.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras** [livro eletrônico]. 1. ed. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: <http://www.literaturaemlibras.com/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. London: Sage, 1984.

Enviado em: 30 de outubro de 2024

Aprovado em: 14 de novembro de 2024